



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11823 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 17 - Filosofia da Educação

**PELA (RE)EXISTÊNCIA DA ESCOLA COMO ESPAÇO DE AGENCIAMENTO:
CONTRIBUIÇÕES EM FOUCAULT E DELEUZE-GUATTARI**

Francis Silva de Almeida - UNESP - CAMPUS RIO CLARO

**PELA (RE)EXISTÊNCIA DA ESCOLA COMO ESPAÇO DE AGENCIAMENTO:
CONTRIBUIÇÕES EM FOUCAULT E DELEUZE-GUATTARI**

Esta comunicação tem como objetivo refletir as condições de (re)existência da escola como espaço de agenciamento. Trata-se de um ensaio de natureza teórica que encontra aporte nos projetos intelectuais de Foucault (1987, 2000) e Deleuze e Guattari (1975, 1995, 1997). Admite como ponto de partida a tese apresentada por Foucault no texto *O que são as luzes?*, segundo a qual a pretensão de escapar ao sistema de massificação da subjetividade impetrado pelo biopoder para oferecer programas de conjunto de outra sociedade, deve, antes, conduzir um outro modo de pensar, uma outra cultura, e, com ela, uma outra visão do mundo; (ii) a antítese “maior”/“menor” e as noções de “devir minotário” e “agenciamento” postuladas por Deleuze e Guattari nos volumes 2 e 4 de *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia* e em *Kafka: por uma literatura menor*. As condições de possibilidade de uma pedagogia que tensione à escola (re)existir como espaço de agenciamento requer colocar em questão o próprio escopo dos seus sentidos como instituição social; concorre reconhecer que a educação escolar prospera como um conjunto de ações e influências intencionais e mutuamente exercidas entre pessoas, para a formação de pessoas e circunstanciada pelas demandas políticas e econômicas que abalizam, em diferentes tempos da história, um determinado ideal de homem e sociedade. Conforme Foucault (1987, p. 119), trata-se de uma “anátomo-política” de coerção para domínio do corpo do outro “não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer”. Nesse ínterim, a escola opera uma espécie de ação analítica sobre o *bios*: as técnicas de poder, de controle, de norma e de castigo empregadas no exercício pedagógico têm como objetivo a manutenção das relações de produção, dominação e de efeitos da hegemonia, afinal, “já não se trata de pôr a morte em ação no campo da soberania, mas de distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade”,

escreve Foucault (1987, p. 157). Ora, se a educação se constitui como aparelho disciplinar que opera material e simbolicamente sobre o desenvolvimento da vida e da sociedade tanto pelo fomento das forças produtivas como pela promoção dos valores culturais, então, a construção de um outro modo de pensar, de uma outra cultura, e, com ela, de uma outra visão do mundo, como sugeriu Foucault (2000), não passa por outro caminho senão pela própria escola – lugar da comunicação concreta da experiência histórica do homem, de reconhecimento das contradições sociais e, portanto, de desenvolvimento da consciência política. Consequentemente, a escola assume não só o caráter da formação humana como prática de agenciamento político, como evidencia a substituição da disposição defensiva do indivíduo para um sujeito antipredicativo, o que exige, primeiro, assumir a resistência como ato de (re)ação capaz de abalar os conformismos dos atores educativos: ora, se "só existe devir minoritário" e "o devir minoritário como figura universal da consciência é denominado autonomia" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.52-53), então todo "devir minoritário é um caso político, e apela a todo um trabalho de potência, uma micropolítica ativa" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 89); depois, identificar os movimentos de transferências e construção de saberes, experiência e memória como devir: "[esse] entre-dois, fronteira ou linha de fuga" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 91); por fim, considerar os agenciamentos como processos concretos e materiais que incidem na criação de desejos, isto é, organizar os fluxos desejantes capaz de identificar e dar uma subjetividade a cada sujeito, pois "não há agenciamento mecânico que não seja um agenciamento social, nem agenciamento social que não seja um agenciamento coletivo de enunciação" (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 147). As noções de devir minoritário e agenciamento recobradas nesta comunicação concorrem o propósito de construção de uma escola de novos contextos: práticas sociais, políticas e culturais valorizadoras da diferença e da singularidade de seus sujeitos, processos fundamentais à construção da autonomia, mas também, da indignação política. Por isso, inclusive, cada um daqueles que pisa o chão da escola não pode ser compreendido fora do seu contexto: crianças, jovens e adultos, homens, mulheres, lgbtqi+, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, no campo, na cidade, nos centros e nas periferias: uma educação escolar que pauta seus processos num modelo de sociedade em que caibam todos só pode se desenvolver nos desdobramentos contínuos da reflexão que cada um realiza sobre seu lugar no mundo. Logo, o que se coloca em questão diz respeito a uma pedagogia politicamente ramificada na escola e pela escola, atravessada pelos elementos socioculturais circunscritos no nível micropolítico, no cotidiano das relações: (re)criar o ensino e a aprendizagem como prática cultural continuamente possível, em vias de ser como projeto coletivo de liberdade. O rompimento com a "educação maior" institucionalizada nos planos e políticas de um sistema educacional uniforme em virtude de uma "educação menor" e bem frequentemente de uma pedagogia que faça (re)existir a escola como espaço de agenciamento requer que as práticas desviantes da subjetivação pela sujeição sejam inventadas não só no cotidiano da relação que se mantém mediada entre os sujeitos pelo conhecimento, mas também a partir da negociação social em que participam valores materiais e simbólicos compartilhados em proporções variadas, razão pela qual se apela a uma pedagogia das (re)existências, mobilizadora de práticas discursivas como práticas significativas, condições de uma

enunciação concreta: dizer e dizer-se nas relações que se constroem pelos discursos e pelos quais se formam os sujeitos que ali se encontram. Em Foucault, Deleuze e Guattari, se faz reconhecer os fundamentos para uma pedagogia da resistência: aberta à crítica das instituições de ensino, das políticas que tendem a abalizar os currículos, os tempos e espaços da aprendizagem e a prática do professor, mas, especialmente, uma pedagogia das (re)existências: um jogo de afetos que supera a proposição de um método e se dispõe a criar singularidades; uma abertura que produz, por conectividades múltiplas, uma sensibilidade, uma memória e um pensamento; uma pedagogia, portanto, capaz de orientar os professores à tarefa de (re)criar o cotidiano da escola como espaço plural, democrático, dialógico e estético, promotor dos direitos e dos valores humanos, da solidariedade, da responsabilidade social, da responsabilidade ambiental, da autonomia, da igualdade, da justiça social, dos direitos humanos, da liberdade de expressão, da ética, da convivência harmoniosa e do cultivo da consciência; uma pedagogia da resistência e das (re)existências, avessa à produção e manutenção das desigualdades, e, por essa razão, aberta à crítica de suas práticas como forma de colocar-se sob suspeita; uma pedagogia capaz de buscar nos próprios sujeitos o conjunto das forças que operam pela superação dos mecanismos sociais, políticos e econômicos de dominação e de exclusão ao mesmo tempo que recoloca a todos, homens e mulheres, crianças, jovens e adultos, lgbtqi+, indígenas, quilombolas e ribeirinhos, no campo e nas periferias das pequenas e grandes cidades, no centro do debate e das ações de inclusão fundamentais à promoção da justiça social.

Palavras-chave: Educação. Escola. Agenciamento. Foucault. Deleuze-Guattari.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka:** por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia (vol. 2). São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia (vol. 4). São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II:** Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.